

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTÉTICA E GESTÃO DE MODA

CAMILA PINHEIRO FRANCO BABKA
Nº USP: 10457429

FIGURINO DE TELEVISÃO-
Sua ressignificação através de sua potência de apropriação estetizante

SÃO PAULO
2019

CAMILA PINHEIRO FRANCO BABKA

Nº USP: 10457429

FIGURINO DE TELEVISÃO-

Sua ressignificação através de sua potência de apropriação estetizante

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial do curso de especialização em Estética e Gestão de Moda.

Orientadora: Profª Dra. Heloísa Nóbriga

SÃO PAULO

2019

CAMILA PINHEIRO FRANCO BABKA

FIGURINO DE TELEVISÃO – SUA RESSIGNIFICAÇÃO ATRAVÉS DE SUA
POTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO ESTETIZANTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de
especialização em Estética e Gestão de Moda.

São Paulo, ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Heloísa Nóbriga

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Maria Inês e Tomás por todo o suporte, aos conselhos da minha orientadora Profª Dra. Heloísa Nóbriga e a atenção recebida pela figurinista Sônia Soares, que gentilmente colaborou com o conteúdo deste trabalho. Ao companheirismo dos meus colegas de classe e ao incentivo que sempre me deram. A todos os professores que de alguma forma me auxiliaram quando necessitei e a todos que sempre acreditaram em meu trabalho, em especial ao Beto.

“Figurino é vestir a palavra.”

Lessa de Lacerda

RESUMO

Esta monografia tem o intuito de mostrar, por meios comparativos, as transformações visuais provenientes do figurino dos personagens do humorístico “A escolinha do professor Raimundo” em suas duas versões, a dos anos 90 e a que retornou a televisão em 2015. O trabalho analisa a função comunicativa do figurino e considera o suporte corporal do ator e o espírito do tempo como sendo relevantes para a transição da estética proposta pelo figurinista.

Palavras-chave: A escolinha do professor Raimundo; Figurino; Humorístico.

ABSTRACT

This dissertation purposes to demonstrate, by means of comparison, the visual transformations implemented to the costumes tailored for characters featured in the comedy television series "A Escolinha do Professor Raimundo" (Professor Raimundo's School) from its conception; the original format broadcasted throughout the 90's, to the subsequent adaptation, which debuted in 2015. The thesis examines the role conveyed by the costume and perceives both the actor's physique and spirit of time (zeitgeist) relevant to the aesthetic transition intended by the designer.

Key-words: A Escolinha do Professor Raimundo; Costume; Comedy series.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Personagem Zé Bonitinho em cenas da escolinha na versão antiga (datas não identificadas)..... 33

Fonte: Acervo TV Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2V7Yv3W>>. Acesso em nov. 2018.

Figura 2: Personagem Zé Bonitinho na primeira temporada da nova escolinha (2015) .34

Fonte: GShow. Disponível em: <<https://glo.bo/2ttxEU5>>. Acesso em nov. 2018.

Figura 3: Personagem Zé Bonitinho na segunda temporada da nova escolinha (2016) ..35

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2GQ5QRO>>. Acesso em nov. 2018.

Figura 4: personagem Zé Bonitinho na terceira temporada da nova escolinha (2017) ... 35

Fonte: Revisa QUEM. Disponível em: <<https://glo.bo/2SMQeFF>>. Acesso em nov. 2018.

Figura 5: Personagem Zé Bonitinho na quarta temporada da nova escolinha (2018) junto ao professor Raimundo 36

Fonte: Correio braziliense. Disponível em: <<http://bit.ly/2SYxLFl>>. Acesso em nov. 2018.

Figura 6: Personagem Seu Peru da antiga versão da escolinha (data não identificada) .37

Fonte: Globo. Disponível em:<<https://glo.bo/2GNYIoN>>. Acesso em out. 2018.

Figura 7: Personagem Seu Peru na primeira temporada (2015) da nova escolinha e imagem comparativa com o mesmo personagem na versão dos anos 90, representado pelo ator Orlando Drummond. 38

Fonte: GShow. Disponível em: <<https://glo.bo/2GNYIoN>>. Acesso em out. 2018.

Figura 8: Personagem Seu Peru na segunda temporada (2016) da nova escolinha39

Fonte: Viva para imprensa. Disponível em: <<http://bit.ly/2GQ5QRO>>. Acesso em out. 2018.

Figura 9: Personagem Seu Peru na terceira temporada (2017) da nova escolinha..... 39

Fonte: Revista QUEM. Disponível em:<<https://glo.bo/2SMQeFF>>. Acesso em out. 2018.

Figura 10: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino do personagem Seu Peru na quarta temporada (2018) da nova escolinha40

Fonte: Sônia Soares. Disponível em: <<http://bit.ly/2Eh4JZt>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 11: Personagem Dona Catifunda da antiga versão da escolinha (data não identificada).....41

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2GMWmqI>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 12: personagem Dona Catifunda da antiga versão da escolinha (data não identificada).....41

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2NaXs0l>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 13: Personagem Dona Catifunda da versão antiga da escolinha (ep. de Natal - 1992).....42

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2XaIsE4>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 14: Personagem Dona Catifunda na primeira temporada (2015) da nova escolinha43

Fonte: Correio do Brasil. Disponível em: <<http://bit.ly/2TZqnqQ>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 15: Personagem Dona Catifunda na segunda temporada (2016) da nova escolinha43

Fonte: Viva para imprensa. Disponível em: <<http://bit.ly/2GQ5QRO>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 16: Personagem Dona Catifunda na terceira temporada (2017) da nova escolinha44

Fonte: Revista QUEM. Disponível em: <<https://glo.bo/2SMQeFF>>. Acesso em dez. 2018.

Figura 17: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino da personagem Dona Catifunda na quarta temporada (2018) da nova escolinha44

Fonte: Sônia Soares. Disponível em: <<http://bit.ly/2TTI6j7>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 18: Personagem Seu Nerson da Capitinga na versão antiga da escolinha (data não identificada)45

Fonte: Acervo TV Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2BG9xG5>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 19: Personagem Seu Nerson da Capitinga na versão antiga da escolinha (data não identificada)46

Fonte: Acervo TV Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2X6p63b>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 20: Personagem Seu Nerso da Capitinga na terceira temporada (2017) da nova escolinha47

Fonte: Revista QUEM. Disponível em: <<https://glo.bo/2SMQeFF>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 21: Personagem Seu Nerso da Capitinga na quarta temporada (2018) da nova escolinha48

Fonte: João Cotta - Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2T5Qb78>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 22: Personagem Dona Bela no episódio 886 de 1991.....49

Fonte: Acervo TV Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2GxfwRJ>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 23: Personagem Dona Bela em episódio da escolinha do ano de 199249

Fonte: Acervo TV Globo. Disponível em: <<http://bit.ly/2TUBCRh>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 24: Personagem Dona Bela na antiga versão da escolinha em época não identificada50

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2SGDOz2>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 25: Personagem Dona Bela na primeira temporada (2015) da nova escolinha51

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2BF9Qko>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 26: Personagem Dona Bela na segunda temporada (2016) da nova escolinha51

Fonte: Divulgação. Disponível em: <<http://bit.ly/2GQ5QRO>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 27: Personagem Dona Bela na terceira temporada (2017) da nova escolinha.....52

Fonte: Revista QUEM. Disponível em: <<https://glo.bo/2SMQeFF>>. Acesso em jan. 2019.

Figura 28: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino da personagem Dona Bela na quarta temporada (2018) da nova escolinha52

Fonte: Sônia Soares. Disponível em: <<http://bit.ly/2Nb4JNH>>. Acesso em fev. 2019.

SUMÁRIO

Introdução	19
1. Figurino e Televisão – O papel da linguagem não verbal	21
2. Suportes corporais e a relação do tempo	25
3. Estudo de caso – A escolinha do professor Raimundo.....	28
3.1 <i>Análise dos Personagens</i>	31
Considerações Finais	53
Referências Bibliográficas.....	54
Apêndice.....	56

Introdução

Esta monografia aborda os aspectos relevantes que devem ser considerados na análise de como que a linguagem visual dos personagens do humorístico “A escolinha do professor Raimundo” foi recriada através do figurino e da caracterização para as temporadas atuais.

Este programa fez enorme sucesso nos anos 90 na Rede Globo, a maior emissora de televisão do país, e seus personagens são bastante conhecidos nacionalmente, o que sustenta o fato do canal ter decidido realizar um *remake* no ano de 2015, em comemoração dos 20 anos do último episódio da versão original. Para se ter ideia de sua relevância, ele é considerado por muitos críticos como um dos melhores programas humorísticos já produzido no Brasil.

Levando estes fatos em consideração, este trabalho visa elaborar uma leitura que apresente conceitos pertinentes ao desenvolvimento do trabalho do figurinista em ambas as versões, e que foram fundamentais para expressar as características psicológicas e estéticas presentes nos personagens que precisam que sua estética seja congruente com a narrativa e assim o telespectador realize uma fácil interpretação de sua personalidade e papel na sociedade.

Não me recordo quando foi o meu primeiro contato com o programa, pois eu era criança na época em que os episódios inéditos eram televisionados, mas me lembro de que era um programa que particularmente fazia a minha mãe rir na frente da telinha e em consequência disto, cresci com uma boa impressão das cenas daquela sala de aula. Acho que todo e qualquer brasileiro sabe dizer, nem que brevemente, quem foi Chico Anysio na história da televisão, pois ele é constantemente homenageado e/ou seus programas são reexibidos, como é o caso da versão original deste estudo de caso, que tem faz parte da programação do Canal Viva.

Já a minha escolha por estudar o universo do figurino, vem de encontro com o meu interesse pessoal, que foi despertado durante do curso de Bacharelado em Design de Moda – Habilitação em Modelagem, do Centro Universitário Senac e, que me encaminhou para diversas experiências profissionais nesta área, que é de fato é a minha paixão.

A leitura desta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a importância da linguagem não verbal que o figurino tem, como a sua leitura contribui para embasar a história contada e como é a dinâmica de trabalho do profissional responsável acontece no meio televisivo. No capítulo seguinte, é a vez de discorrer sobre os suportes corporais do elenco a ser vestido e como o “espírito do tempo” influencia a visão estética de

cada período. Por fim, no terceiro e último capítulo ocorre a análise do estudo de caso deste trabalho, que é o programa humorístico já citado e a análise comparativa da caracterização dos personagens de ambas as versões.

1. Figurino e Televisão – O papel da linguagem não verbal

A ação de vestir um personagem é realizada pelas mãos do profissional denominado figurinista. É de sua responsabilidade cuidar para que o visual construído por ele ajude a contar a história pretendida na cena. A grande parte desses profissionais no mercado brasileiro é autodidata, ou são advindos de outras áreas acadêmicas como publicidade, artes plásticas, entre outros. Haja visto que os cursos universitários em design de moda são os que mais se aproximam do mundo do figurino, por estudarem o vestuário, grande parte dos figurinistas mais consagrados do mercado não são oriundos desta formação. Uma das possíveis razões para isso pode ser pelo fato dessa área acadêmica ser um tanto jovem no Brasil, e estes figurinistas não terem feito parte da época em que o estudo universitário em moda começou a surgir em nosso território. Outros prováveis motivos podem ser a escassez de cursos específicos no país, a inerente transdisciplinaridade¹ da área e, por conseguinte a falta da necessidade da formação em moda pelos órgãos regulamentadores do setor em que eles atuam.

Para que o ofício deste profissional seja bem elaborado, um enorme trabalho de pesquisa se faz essencial até que o resultado final de sua criação esteja congruente com o contexto da história a ser contada, caso contrário poderá haver falha na conexão visual que o espectador fará. Um exemplo dessa desarmonia pode ocorrer se a história for alegre e cômica, e o figurino for feito em cores sombrias e melancólicas, resultando num ar demasiadamente austero na estética cênica. Para tanto, é fundamental que o figurinista seja muito bem situado historicamente e culturalmente no vasto universo de possibilidade da criação para que seu projeto tenha afinidade com as expectativas geradas em cena. Outro ponto que contribui para agregar ao seu repertório é a atividade de observação da vida cotidiana, onde os comportamentos da sociedade, hábitos contemporâneos, tendências de moda, além do intercâmbio de áreas como música, arte, dança, cinema e literatura influenciam a perspectiva do figurinista, portanto a sua incessante atualização se torna parte quase obrigatória no exercício de criação.

¹Segundo Ana Lucia Santana, a transdisciplinaridade é uma visão diversificada do conhecimento que tem como propósito, através da exposição de diversas faces de entendimento do mundo, conseguir agrupamento do conhecimento. Desta forma, juntam-se as mais distintas disciplinas para que se torne viável um exercício mais abrangente do conhecimento humano. (Infoescola. Disponível em: <<http://bit.ly/2NcFnyI>>. Acesso em fev. 2019)

Ressaltada no prefácio do livro *Vestindo os nus* pelo autor teatral e roteirista de cinema Hilton Marques (MAQUES apud MUNIZ, 2004) como uma das características essenciais desse profissional no mercado brasileiro, diz respeito ao dom da invenção e o gosto pelo improviso. Parte disso se dá pelo dinamismo presente no dia a dia de seu trabalho e na necessidade da agilidade na tomada de decisões quando se há imprevistos nos bastidores.

Haja vista que o figurino veste um personagem de ficção, esta é a principal diferenciação dele para a moda. A pessoa a ser vestida não pertence à vida real, e sim é uma persona criada que será interpretada por um ator ou atriz. Outra particularidade é o fato de as propostas estéticas decorrentes das tendências de moda não serem importantes para a criação de um projeto de figurino, pois o relevante neste caso é a consistência da identidade do personagem com a narrativa e não os comportamentos e desejos de consumo da sociedade que pautam a sua construção.

No entanto, mesmo havendo essa diferenciação, o figurinista pode se utilizar da moda para idealizar a sua proposta, sem que as tendências influenciem em sua liberdade criativa e, muitas vezes também, o que foi apresentado como vestimenta na ficção, acaba por virar moda ganhando o gosto popular, como é o caso de itens pertencentes a personagens de famosas telenovelas brasileiras que viram verdadeiras febres de consumo.

O ofício de caracterizar um ator acarreta na formação de signos que constroem uma aparência própria sobre a sua imagem do qual não somente a roupa faz parte, mas a sua construção dialoga também com a maquiagem, penteado e adereços. Esta representação visual é a tradução de um reconhecimento que é estabelecido além das vestes utilizadas pelo elenco, uma vez que a imagem cênica é composta também pelos efeitos de sonoplastia, iluminação, cenografia e produção de arte. É relevante dizer que todos eles devem consistir como resultado final um conjunto singular e endossador da obra a quem lhe serve de base construtiva. E é pensando na busca da harmonia do trabalho de todos os departamentos que se faz de grande importância o papel do diretor, pois ele é quem também irá guiar o projeto do figurinista.

É na leitura dos textos que se dão os inícios dos trabalhos, onde se conhece a história criada pelo autor e as características de seus personagens. E é a partir do *briefing* dado pelo diretor, com o objetivo de orientar qual o tipo de linguagem será adotado na produção, que o figurinista tem o poder de, por meio das roupas e acessórios, fazer com que sua criação comunique quais são os atributos psicológicos e estéticos que aquele personagem terá. Essa é

uma maneira eficaz de respaldar a narrativa, pois eles são contribuintes da expressão de identidade, uma vez que o traje tem poder de emanar importantes sinais que informam a qual sexo pertencemos, a nossa faixa etária, de qual classe social somos, qual o nosso humor, e outros aspectos de nossa personalidade.

O figurino não trabalha de forma independente, sendo parte integrante da constituição da linguagem cênica, a sua comunicabilidade não existiria se não houvesse um receptor para processar toda a carga simbólica presente em seu visual. Esse receptor é o espectador que assiste a cena e os atributos que são emanados dali comunicam de maneira não verbal o que os símbolos apropriados na mensagem querem dizer.

Os movimentos corporais, os olhares, o caminhar, os gestos faciais também são parte importante dessa expressão estética e que orientam a visão para a interpretação do espectador.

“A percepção (visual ou sonora) é aprendida culturalmente através das interações sociais de uma determinada época. A percepção não é natural ou orgânica, é construída socialmente. A recepção das imagens visuais e dos sons é um processo fisiológico, mas a percepção, que envolve processos psicológicos, está ligada à cultura” (PASSOS, 2011.)

A percepção da visualidade não se desprende de uma visão do mundo cultural, pois é a partir dela que se compreende de fato a experiência, a imaterialidade, o sentido, e como dito anteriormente, é importante que a formação cultural do figurinista seja ampla para que o seu projeto seja embasado por um ponto de vista coeso.

Para o ser humano, a maneira de se vestir é, muitas vezes, subjetiva e inconsciente, no caso do figurino, ele é planejado para assim o personagem se expressar com o mundo ao seu redor e emanar os sinais para que o seu espectador o interprete de maneira coesa com a trama. Podemos dizer então que essa comunicação é capaz de nos apresentar uma complexa mistura de conteúdos em que são incalculáveis os seus sentidos. Por intermédio das interpretações originados por este diálogo, compreendem-se assim diversas possibilidades de valores igualmente como nas palavras, nas imagens e nos textos.

Ao mesmo passo em que as roupas se comunicam, Arruda e Baltar (2007, p.29) nos mostram que a falta delas também é questionada como forma de comunicação: “E a nudez, é figurino? Se você acha que não, pode estar redondamente enganado. Apesar da ausência de roupas, o nu não pressupõe o silêncio. Ele é carregado de significados que dizem muito a

respeito de um personagem, ou de uma cena.”. Portanto, a materialização visual dessas mensagens estruturais da identidade do personagem, seja ela de que forma for, não somente é uma maneira de expressão como de comunicação com a sociedade e o seu espectador.

Ficando este conceito desvendado, os meios pelo quais a ficção em que vive o personagem podem ser representadas são alguns: o palco de um teatro, uma tela de um cinema ou em uma tela de televisão. A dinâmica de se projetar um figurino para cada um deles apresenta certas peculiaridades, mas em essência a responsabilidade dos figurinistas é a mesma, a de corroborar a história narrada por intermédio das roupas e acessórios.

No caso do figurino televisivo, algumas particularidades do meio são levadas em conta em sua concepção criativa. A tecnologia de alta definição elevou o cuidado que o figurinista precisa ter com os acabamentos e as texturas visíveis (no caso de um fio puxado por exemplo, a tela já denuncia a má conservação da peça e vira um problema se ela for de um personagem principal, pois é improvável que se consiga ocultar tal problema), o uso de certas padronagens e cores (evitar tecidos com efeito moiré², estampas com grafismos muito pequenos é importante para não causar atrito na imagem) e como mencionado por Arruda e Baltar (2007, p.88) o fato a televisão achatar e ampliar o corpo da pessoa deve ser levado em consideração na hipótese de querer disfarçar a silhueta de atores mais largos. Ou seja, se não se levar em conta as questões tecnológicas ao meio em que será produzida, a cena denunciará o descuido de execução e assim arruinará o trabalho do responsável pelo projeto.

Para então uma harmoniosa idealização de proposta estética de figurino, muito aspectos devem ser considerados por quem o vai projetar. A vivência cultural do profissional, o âmbito em que o projeto será concebido, o alinhamento com o restante da equipe criativa e produtiva, são alguns dos fatores que contribuem para que a comunicação cênica tenha o figurino como suporte da história.

²Moiré: tecido com brilho ondulado obtido por sua passagem por entre cilindros rotativos gravados e aquecidos, a calandra. A pressão dos cilindros faz o desenho surgir, dando efeitos de reflexos de luz nas partes gravadas e não gravadas. (PEZZOLO, 2007, pág. 311)

2. Suportes corporais e a relação do tempo

Pode-se dizer que o maior alicerce do projeto de figurino é o corpo do ator, dançarino, cantor, ou apresentador que irá vesti-lo. Como foco deste trabalho, trataremos especificamente do caso dos atores, que são responsáveis por interpretar personagens de ficção. É o vestindo que ele dá ao seu corpo um novo significado e assim mantém uma contínua interação que é estabelecida com os outros e com o mundo, uma vez que a roupa declara o que o corpo exprime revelando desta forma uma intercomunicação entre eles.

O figurino materializa grande parte do que o ator representará em cena, e o seu corpo será carregado de simbologias que serão interpretadas por quem o assiste. Dessa maneira é indicado que a relação do figurinista e do elenco seja de um vínculo estreito, para que as trocas de informações entre eles possam colaborar para um projeto em consonância. É relevante por exemplo que o figurinista se preocupe e, busque tomar conhecimento se existem alguns tipos de inseguranças em relação aos seus corpos, ou se eles sofrem de algum tipo de alergia ou incômodo com algum dos materiais que possam fazer parte do vestuário, para que assim se alcancem juntos uma sinergia em seu trabalho. É de grande valia que o profissional responsável pelo figurino, possa ouvir também do ator ou da atriz, a maneira como ele ou ela enxerga o seu personagem visualmente, visto que as suas opiniões poderão ser úteis e coadjuvar na criação dessa aparência.

É também de extrema importância que o ator esteja confortável com a proposta visual de seu personagem, pois através da mesma ele encontra contribuições que auxiliarão na construção da maneira de se portar, gesticular, andar, falar e sentar do personagem dado que a roupa influi no modo de se perceber o corpo e assim produz efeitos de expressão imagética.

“O figurino impulsiona a criação e materializa o personagem, amplia a expressividade do corpo e é quando a máscara se mostra, tudo aquilo que é dado ao ator portar em seu próprio corpo, um conceito determinado, marcado e estabelecido. O artifício exterior oculta o ator num momento de metamorfose.” (CORTINHAS, 2010.)

Essa relação pode ajudar o ator tanto a se “esconder”, como a se projetar através do figurino, deixando as características do seu personagem mais realçadas pela colaboração que a vestimenta tem para o ator ao o encarnar.

O autor Mauro Soares ainda reforça este conceito dizendo que ele encontra a alma de seu personagem no momento em que veste o figurino (CORTINHAS, 2010). Para os

profissionais da área, acredito que essa seja uma das mais gratificantes declarações que exprime a importância de seu ofício para com a narrativa.

Um dos aspectos de maior triunfo neste relacionamento é quando o ator se desprende dos próprios gostos pessoais e, se dispõe a receber o novo visual que melhor represente o seu personagem, a fim de ilustrar as suas características psicológicas e físicas de maneira congruente. Há muitos casos em que o ator fica tão caracterizado e diferente da sua aparência física que se torna difícil reconhecê-lo.

De uma maneira geral o figurino tem como atribuição organizar e preparar o ator para dar existência ao personagem, seja ele qual for e, o seu corpo vestido (ou não) ser meio de representação imagética carregado com elementos de comunicação que irão interagir com o mundo a sua volta.

Esta interação pode se dar em distintos períodos no tempo, e o que é “falado” pela vestimenta é passível de interpretações conforme as circunstâncias do momento cultural vivenciado durante a leitura da informação, visto que o estilo adotado é a expressão do período manifestada pelo comportamento e valores da sociedade, pelo momento econômico e político, pelo tipo corporal e também pela maneira de se vestir.

“Para a humanidade, o vestir-se é pleno de um profundo significado, pois o espírito humano não apenas constrói o próprio corpo como também cria as roupas que o vestem, ainda que, na maior parte dos casos, a criação e confecção das roupas fique a cargo dos outros. Homens e mulheres vestem-se de acordo com os preceitos desse grande desconhecido, o Espírito do Tempo.” (KÖHLER, 2001 apud DIAS, 1997, p. 98).

O valor semântico da estética da época no qual a cena está sendo representada, nos dá pistas de como é a visão do mundo da contemporaneidade vivida. E esta é predisposta a atualizações que são vistas como novidades, porém nem sempre realmente são, dado que na história alguns comportamentos e hábitos se renovam. Esta percepção, portanto, é estabelecida socialmente e compreende o processo de criação dos códigos de linguagem que são oriundos da recepção visual e que sua interpretação está passível do repertório de cada um.

“Cena diz respeito a uma relação, em princípio, espaço-temporal, na qual algum acontecimento se registra, em um certo momento e lugar delimitado. Pode apresentar somente uma modificação espacial quanto ao movimento, ou apenas uma mudança concernente a uma passagem do tempo, sem movimentar aparentemente nenhum objeto ou sujeito.” (LEITE, 2002).

Se pensarmos no caso do figurino, a aparência projetada além de baseada obrigatoriamente na narrativa proposta, nas orientações do diretor e na vivência cultural do figurinista, é reflexo do que se é vivido por ele no momento histórico e geográfico de sua concepção.

3. Estudo de caso – A escolinha do professor Raimundo

Em outubro de 1990, estreou um dos programas humorísticos que viria a ser de grande representatividade na história da televisão brasileira. Nasceu como um quadro no programa de Chico Anysio, um consagrado comediante cearense na Rádio Mayrink Veiga no ano de 1952, que de tanto sucesso se tornou programa na grade da Rede Globo. O programa retratava uma sala de aula comandada pelo professor Raimundo, representado pelo próprio comediante, que tentava educar alunos bem excêntricos. A cada vez que chamava por um deles, escutávamos uma história inusitada e um pouco impossível que nos fazia rir e a seus colegas também. Cada um tinha uma característica e visão de mundo bem marcante e distinta que os tornava seres bem únicos. Diferente do que é de se esperar de imediato quando se pensa numa escola, esses alunos não eram crianças ou jovens que estavam sendo educados nos anos primários do ensino básico, eles são adultos vindos de diferentes lugares e com distintas histórias de vida que a essa altura decidiram retomar os seus estudos por alguma razão que não é mencionada, mesmo assim a grande maioria deles tem um perfil mais infantilizado e ingênuo que traz parte da graça da bagunça criada por eles durante as suas interações com o professor.

Trata-se de um programa gravado, porém segundo depoimento do próprio Chico Anysio em agosto do ano de 2000 (MAIOR, 2006) o programa aparenta ser ao vivo pois as gravações eram feitas sem ensaios, e os atores só sabiam as próprias falas com o professor, sendo assim o próprio elenco se tornava também plateia do que assistia com a performance dos colegas de profissão e o clima do programa ficava bem extrovertido.

Segundo o site Memória Globo, o responsável pelo figurino do programa foi o Chico Spinoza, conhecido figurinista e carnavalesco que estreou na Rede Globo em 1976.

O humorístico revelou ao público nomes como Claudia Jimenez, Tom Cavalcante, Claudia Rodrigues, Tássia Camargo e se perpetuou na memória da história televisiva no país devido tamanho sucesso de seu formato até então único e, sem dúvidas ficou marcado na brilhante carreira de Chico Anysio como sendo um de seus maiores feitos. Ele permaneceu no ar até o ano de 1995 e, vinte anos mais tarde ganhou uma nova versão dirigida por Cininha de Paula também na Rede Globo. Dessa vez novos nomes atuaram para dar vida aos icônicos

personagens e, em especial Bruno Mazzeo, um dos filhos do então falecido Chico Anysio³, também ator e humorista, foi o responsável para dar vida ao professor.

Pode-se observar que o público teve grande expectativa para reviver este grande clássico do humor brasileiro, e a responsabilidade de fazer essa recriação era bem desafiadora uma vez que não faria sentido para os tempos atuais ser tal qual a antiga, pois a linguagem cômica deveria se atualizar ao mundo contemporâneo para chamar a atenção do público mais novo e, ao mesmo tempo não poderia perder a sua essência, senão o telespectador antigo não se identificaria novamente com o famoso programa.

O resultado parece ter agradado e a nova versão não só teve os dezesseis episódios inéditos previstos inicialmente, como gerou outras 3 temporadas, totalizando 4 até o atual momento. Um dos assuntos mais tratados pela crítica televisiva se deu por conta da excelente caracterização e atuação dos atores, que conseguiram um resultado sem igual que os fez se aproximarem dos emblemáticos personagens com muita originalidade e brilhantismo. Nesta nova versão a contribuição da tecnologia moderna de alta definição utilizada no meio televisivo atual, parece fazer com que as cores escolhidas pelo figurino, cenografia e direção de arte saltem aos olhos e contribuam para uma visualidade alegre que dialoga muito bem com o humor.

Um dos exemplos que também diferenciam a nova versão são os efeitos especiais que aparecem por exemplo com a iluminação diferenciada durante a performance do Seu Ptolomeu. Quando ele começa a imitar determinado cantor, surgem luzes coloridas no meio da sala como se ele estivesse fazendo um show. Recursos como esse não existiram na versão da década de 90, onde pode-se dizer que a produção se comparada com a atual, era mais humilde.

O clima é descontraído, cada aluno parece livre para demonstrar o que realmente é e assim divertem a classe com as suas respostas quase sempre absurdas para as perguntas do professor, que diz: “E o salário ó”, e acrescenta o sinal com os dedos representando a quantidade pequena. A mensagem é dita direto para a câmera, maneira que evidencia ao seu receptor que é consciente que a brincadeira no final faz parte de uma cena de ficção.

³ Chico Anysio nasceu em 12 de abril de 1931 no Ceará, e faleceu em 23 de março de 2012 no Rio de Janeiro, vítima de uma infecção pulmonar. (Disponível em: <<http://bit.ly/2SHR2vv>>. Acesso em 14 fev. 2019)

Como mencionado acima, a espontaneidade dos alunos em demonstrarem quem são, é uma somatória das falas verbais e não-verbais que eles trazem consigo e a externam ajudando a tipificá-los. Este conceito de “tipicidade” desenvolvido por Umberto Eco (1993) e mencionado por LEITE e GUERRA (2002, pág.84), diz respeito a uma análise da organização do objeto estético que resulta numa identidade que traz aproximação com o telespectador e ajuda no decifrar de seus códigos comunicacionais, resultando no estilo pessoal do sujeito.

Quando esses códigos expressam uma imagem clássica e conceitual de um significado já muito fortemente conhecido, encontra-se no lugar comum, sem originalidade e segue padrões pré-concebidos, é o que chamamos de estereótipos. Na contramão desta definição, há o caso do conceito de individuação, que é oriundo da psicologia e que se iniciou através do psiquiatra Jung. Ele consiste em um processo de diferenciação consciente que o indivíduo se torna progressivamente mais independente e distinto de um todo ou da sociedade. É o desenvolvimento de sua particularização que o faz se destacar de seu meio.

Considerando estes conceitos apresentados acima e o relacionando com o figurino, que é o objeto de estudo desta monografia, é importante ressaltar o pensamento de LEITE e GUERRA, que diz:

“Contudo, um dos ofícios do figurinista, exige a aptidão, partindo do estereótipo, de transmutar uma imagem preconcebida em nova imagem, por meio de elementos que engendrem a nova forma. Isso proporciona uma releitura do estereótipo buscando a originalidade. (...) As manifestações artísticas contemporâneas têm, a princípio, como proposta a busca do novo, na tentativa de romper com o estabelecido, com o estereótipo, como define Umberto Eco, com a “tipicidade”. No entanto, quando tratamos da cultura massificada, que os tempos modernos pelos seus diversos meios de produção nos propiciou, existe a possibilidade de cair na facilidade da tipificação.” (2002, págs. 84 e 85)

É baseado neste preceito que podemos analisar como que o valor estético tem influência na resignificação do figurino e o quão fundamental é o papel do figurinista para realizar esta reorganização das visualidades cênicas.

Fundamentado nos conceitos apresentados ao longo deste capítulo e do anterior, analisarei como que a linguagem visual de alguns personagens da Escolinha do professor Raimundo se é dada através de sua caracterização e, para tanto o trabalho de recriação da figurinista Sônia Soares, responsável pela versão que retrata a nova geração da turma é de grande significância para efeito comparativo.

3.1 Análise dos Personagens

Vale lembrar que, para que trabalho do figurinista comece, uma análise das características psico-sociais dos personagens se faz necessária. Dessa maneira, os profissionais envolvidos em sua concepção conseguem visualizar o papel de cada personagem na narrativa e que tipo de humor, atitude, caráter, ideologia, entre outros aspectos cada um têm e assim representa-los corretamente a partir das ferramentas de seu ofício. As características físicas também têm grande relevância, pois caso o elenco não tenha os atributos corporais correspondentes, caberá ao figurinista, providenciar recursos para fazê-lo assemelhar-se ao proposto. Durante a criação o departamento de caracterização, que é um apêndice do figurino, tem papel fundamental na contribuição da concepção visual do personagem com os assuntos pertinentes ao visagismo. Os profissionais responsáveis irão em busca de revelar a imagem pessoal através da essência individual de cada um, para elaborar harmonicamente uma aparência que qualifique suas características através de técnicas de maquiagem e penteado.

Quando se trata de figurino empregado em comédia, é comum que visualizemos algo distante da realidade comum. Segundo Arruda e Baltar, “O que vale nas narrativas cômicas, é a capacidade da vestimenta de provocar o riso, o que confere bastante liberdade aos figurinistas na caracterização dos personagens. A roupa deve fazer parte do jogo que a história propõe.” (ARRUDA e BALTAR, 2007, p.287). Vislumbrando esses aspectos, nesta etapa da pesquisa o objetivo foi comparar a estética utilizada pelos figurinistas Chico Spinoza e Sônia Soares em suas respectivas versões, analisando de que maneira o visual dos personagens selecionados se manteve ou se diferenciou da proposta original e se a linguagem está condizente com os conceitos vistos até então.

Os personagens que foram analisados a seguir foram escolhidos não por gosto pessoal, mas por achar que seria mais interessante se debruçar sob a sua estética. São eles: Zé Bonitinho, Seu Peru, Seu Nerson da Capitinga e Dona Catifunda e Dona Bela. A busca pelas imagens da versão antiga foi mais dificultosa pois não havia material de divulgação na época como se tem com a versão atual. E a qualidade das imagens se deve pelo tipo de tecnologia que era utilizada no período. Por conta disso, a diferença de qualidade em suas resoluções.

Por haver material disponível suficientemente na internet para os personagens da nova geração, achei pertinente mostrar a transição dos figurinos através de suas distintas temporadas, que foram levemente modificados.

Acredito que este recurso tenha sido feito para dar a impressão de que não estávamos presos ao mesmo período de tempo e para não ficar visualmente monótono ver sempre a mesma coisa. Mesmo que sutilmente, essas mudanças trazem frescor a estética dos personagens, sem descaracterizá-los da maneira como já estamos acostumados a vê-los.

Zé Bonitinho: personagem que se acha o maior dos galãs, vive num mundo a parte onde ele é o centro do universo feminino. Em seu discurso sempre conta situações do seu cotidiano em que as mulheres não resistem ao seu charme e beleza. Costuma sacar do bolso do paletó um enorme pente que o utiliza para ajeitar os fios das sobrancelhas, ato que faz parte de um de seus rituais de sedução. Finaliza a sua apresentação dizendo um de seus clássicos bordões: “Garotas do meu Brasil varonil: vou dar um tostão da minha voz” e em voz sensual, cantarola uma frase e encerra com um: “aaaaau, au”.

Na primeira versão do programa, foi representado pelo já falecido ator José Loredo⁴, criador do personagem. De figura muito magra, Loredo vestia um paletó, quase sempre feito de tecidos e padronagens trabalhadas que costumava manter os botões fechados, portanto não se via muito dos detalhes da camisa vestida por dentro. Calça social, sapato fechado e uma grande gravata borboleta de cor contrastante ao restante da roupa também pertenciam o seu figurino. Sobre sua caracterização, pode-se dizer que o grande topete, as costeletas, a sobrancelhas marcadas e o fino bigode são as suas marcas registradas. Como este personagem fez parte de outros programas humorísticos, como a Praça é Nossa no SBT e A Escolinha do Barulho na Rede Record, o seu visual apesar de ter sido feito por distintos profissionais ao longo do tempo se manteve parecido em essência, e para desta maneira ter o mesmo parâmetro de análise que o restante dos personagens, a pesquisa tomou o cuidado de selecionar apenas imagens que pertencessem ao programa do estudo de caso, o que foi mais desafiador levando-se em conta este quesito, pois grande parte do material disponível na internet não está bem especificado de qual período da história do personagem que pertence.

⁴José Loredo nasceu em 1925 e faleceu em 2015 na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bit.ly/2BNzX8Z>>. Acesso fev. 2019.

Figura 1: Personagem Zé Bonitinho em cenas da escolinha na versão antiga (datas não identificadas)



Na versão atual, o personagem foi gloriosamente interpretado pelo ator Mateus Solano, figurinha já conhecida pelo telespectador, mas que de tão bem caracterizado e boa atuação que teve, ficou mimetizado na persona de Zé Bonitinho. A base de seu figurino, como os tipos de peças de roupas a serem vestidas eram as mesmas, o que se alterava eram as cores e padronagens dos tecidos entre uma temporada e outra.

Basta observar a sua figura por algum tempo que se pode facilmente identificar que o item do figurino que parece ser mais relevante é a gravata borboleta ao redor do colarinho de sua camisa. O fato dela ser maior do que uma gravata borboleta para trajes sociais, traz um ar um tanto caricato para o seu visual, e que pode até remeter ao estilo de gravatas que compõe o figurino de palhaços, fazendo assim um sutil reforço de que se trata de um personagem cômico. Outro ponto que reforça o destaque desta peça é sobre ela ficar em parte de grande evidência durante o enquadramento do ator em cena, pois ainda que os seus colegas que estão sentados atrapalhem a visão de sua figura por completo, mesmo que ele somente se levante de sua cadeira quando chamado pelo professor, ainda assim podemos ver essa peça de seu figurino por inteiro.

Um detalhe que foi adicionado pela figurinista Sônia Soares na versão atual do programa e, que não existiu nos figurinos anteriores foi a flor artificial do lado esquerdo da lapela do paletó. O seu tamanho não poderia ser discreto, uma vez que não coincidiria com personalidade exagerada de Zé Bonitinho, portanto é outra particularidade que evoca de forma

visual a exorbitância de uma das características mais notáveis do personagem. Outro acessório que corrobora para esta percepção são os enormes óculos que vez ou outra ele utiliza.

O tipo físico de Mateus Solano auxilia a criar a mesma silhueta esguia de seu antecessor juntamente com a modelagem *slim*⁵ do paletó e calça e o visagismo se utilizou dos mesmos elementos citados anteriormente para caracterizar o ator; como o estilo do topete, as sobrancelhas destacadas, o bigode estreito e as costeletas. Por se tratar de um personagem tão icônico e conhecido, poderia-se afirmar que Zé Bonitinho é um exemplo de um personagem que sofreu um processo de individuação pois a construção de sua personalidade foi evoluindo ao longo de sua trajetória na história do humor da televisão brasileira até se tornar única.

Figura 2: Personagem Zé Bonitinho na primeira temporada da nova escolinha (2015)



⁵*Slim*: termo em inglês para esbelto; delgado. Disponível em:
<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english-portuguese/slim>

Figura 3: Personagem Zé Bonitinho na segunda temporada da nova escolinha (2016)



Figura 4: Personagem Zé Bonitinho na terceira temporada da nova escolinha (2017)



Figura 5: Personagem Zé Bonitinho na quarta temporada da nova escolinha (2018) junto ao professor Raimundo



Seu Peru: personagem assumidamente gay da turma e que acha que todos são como ele. Se questionado pelo professor sobre alguma figura famosa da história mundial, ele logo comentará algo insinuando que essa pessoa faz parte da comunidade homossexual, assim como ele. O professor, em sua retórica perguntará claramente se ele estaria mesmo insinuando isto, ele confirmará e finalizará a sua apresentação dizendo: “O importante é que entrou mais um para a irmandade”.

Na versão dos anos 90, Seu Peru, vivido por Orlando Drummond, demonstrava um discreto interesse em conquistar o professor, e na versão contemporânea, este aspecto foi deixado de lado em suas relações. Quando quer demonstrar a sua impaciência, logo exclama: “Estou porrrr aqui!”, sendo um de seus bordões mais famosos.

Figura 6: Personagem Seu Peru da antiga versão da escolinha (data não identificada)



Seu figurino é composto por um visual extravagante e bem colorido, com destaque para os lenços e echarpes, que são tocados a todo instante enquanto gesticula de maneira que expõe o quão afetado é. Esse movimento dos tecidos fluidos traz certa leveza para a cena e ajuda a remeter a delicadeza e feminilidade. Suas combinações, além de serem sempre coloridas, costumam ser de peças mais folgadas ao corpo e alguns destes pontos levantados, agregado com o conhecimento em moda, me fazem notar a presença discreta de elementos que podem ser relacionados com o estilo hippie, como por exemplo o lenço amarrado ao redor da cabeça, que nos anos 60 se tornou quase que um substituto do chapéu e coincide como período do movimento. O jeito descomplicado de levar a vida do personagem também auxilia para esta percepção, pois está em consonância com a filosofia da época em que o movimento desta tribo urbana esteve em alta.

No *remake* do programa foi o veterano ator Marcos Caruso quem deu vida ao personagem. Fisicamente ambos são parecidos, principalmente no formato e traços faciais e, se comparado com tantos recursos que foram necessários para caracterizar boa parte do elenco, neste caso eles não pareceram ser tão fundamentais para incorporação de Caruso em Seu Peru.

Figura 7: Personagem Seu Peru na primeira temporada (2015) da nova escolinha e imagem comparativa com o mesmo personagem na versão dos anos 90, representado pelo ator Orlando Drummond.



Indiscutivelmente, no projeto de figurino da nova versão, além da fidelidade na utilização do lenço, se nota que o blazer por cima da camisa virou peça chave no guarda-roupa do personagem, pois é um padrão que se repetiu nos figurinos das quatro temporadas e que anteriormente não existiu. Do mesmo modo, o tipo de calçado utilizado no figurino não seguiu um estilo fixo. Hora ele pode ser um tênis trazendo um ar mais despojado, como ele pode ser também um sapato social, como é o caso da quarta temporada, que é utilizado com um meia colorida para trazer um pouco de diversão para um calçado que isoladamente é mais sério.

Figura 8: Personagem Seu Peru na segunda temporada (2016) da nova escolinha



Figura 9: Personagem Seu Peru na terceira temporada (2017) da nova escolinha



Figura 10: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino do personagem Seu Peru na quarta temporada (2018) da nova escolinha



Dona Catifunda: com um charuto a todo momento em mãos, esta libertina está sempre a ludibriar as pessoas para poder ganhar um trocado. Quando chamada pelo professor, sempre solta uma baforada de fumaça e cumprimenta os demais exclamando: “Saravá!”.

Na versão original foi interpretada pela atriz Zilda Cardoso, que também já havia se apresentado com a personagem em outros programas televisivos antecessores à “A escolinha do Professor Raimundo”, como a “A Praça é Nossa”.

Figura 11: Personagem Dona Catifunda da antiga versão da escolinha (data não identificada)



Seu guarda-roupa se constitui basicamente das seguintes peças-chave: chapéu de aba curta decorado com flor artificial, camisa de manga longa, colete e saia de comprimento abaixo do joelho. A sua palheta de cores é mais discreta que em relação a de seus colegas de classe e, o bege parece estar quase que sempre presente, nem que seja em tonalidades diferente, em pelo menos algum item de seu *look*.

Figura 12: personagem Dona Catifunda da antiga versão da escolinha (data não identificada)



Figura 13: Personagem Dona Catifunda da versão antiga da escolinha (ep. de Natal - 1992)



Dani Calabresa foi a humorista designada a dar vida a personagem na nova versão. Como ela tem idade inferior à da aparência de Dona Catifunda, que se assemelha com uma mulher de meia idade, por volta de seus 50 anos, a maneira utilizada pela caracterização para aproximá-la dessa estética foi com o uso de uma peruca de fios grisalhos já no corte de cabelo curto pelo qual é conhecida. Note que a personagem não utiliza nenhum acessório, como brincos, colares, pulseiras, ou relógio que possam deixá-la mais feminina ou opulenta, pois além do seu visual indicar pertencer a um status econômico mais baixo, sugere também despreocupação em querer parecer o que não é.

Figura 14: Personagem Dona Catifunda na primeira temporada (2015) da nova escolinha



Figura 15: Personagem Dona Catifunda na segunda temporada (2016) da nova escolinha



Figura 16: Personagem Dona Catifunda na terceira temporada (2017) da nova escolinha



Figura 17: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino da personagem Dona Catifunda na quarta temporada (2018) da nova escolinha



Seu Nerso da Capitinga: o caipira da turma é um dos personagens mais carismáticos da escolinha. Não somente o seu nome, mas tudo que diz respeito a ele não faz negar as raízes interioranas. O sotaque carregado, o modo de pensar e o fato de ser “bom de prosa” são bem típicos desse personagem regionalista. As suas histórias quase sempre não levam a lugar algum, ele tem sempre um quê de desconfiança, que para ele se faz parecer espertalhão, mas que para os outros, mostra que ele não passa de um bobão ingênuo. Sempre que escuta o seu nome sendo chamado pelo professor Raimundo, responde: “É ieu”, que virou um de seus clássicos bordões, além também de: “Eu não sou bobo não, fio”.

Personagem criado e interpretado por Pedro Bismark, fez sucesso originalmente na versão dos anos 90 da escolinha, mas após o seu encerramento, fez parte também de outros programas humorísticos como A Praça é nossa no SBT, e de volta a Rede Globo, no Zorra Total., que atualmente é conhecido somente como Zorra.

Figura 18: Personagem Seu Nerson da Capitinga na versão antiga da escolinha (data não identificada)



Figura 19: Personagem Seu Nerson da Capitinga na versão antiga da escolinha (data não identificada)



Seu cabelo é arrumado de maneira bem peculiar, sendo a parte central do cabelo toda penteada para a testa. Ele veste uma botina (calçado bem típico de quem anda na roça), calça de cintura extremamente alta que marca a sua barriga pronunciada, camisa de manga longa em sua grande maioria de estampa xadrez, e suspensórios.

Estes itens de vestuário são comumente utilizados por homens que querem se fantasiar em festas juninas, pois é a estética mais clichê do caipira que faz parte de uma concepção da sociedade. O único item que não está contemplado no figurino do Nerso e que costuma fazer parte deste padrão visual é o chapéu de palha. Baseado nessa percepção, pode-se dizer então que o personagem é estereotipado, não só pela personalidade, como visualmente pois a sua imagem se limita a seguir um modelo conhecido como referência. Como sugere Lurie, em algumas situações, a roupa de tão clichê que é, se transforma em padrão e assim expõe o estilo firmado distinguindo quem as veste como integrante de um grupo social pré-definido.(LURIE, 1997, p. 31).

Na nova geração da escolinha, o personagem apareceu pela primeira vez na terceira temporada, e foi interpretado pelo humorista Marco Luque. A presença de cores mais alegres como é o caso da calça amarela e os suspensórios vermelhos trazem um ar divertido para a sua aparência que fortalece o estilo do programa.

Na quarta temporada, Marco Luque deu vida a Seu Patropi, outro aluno da turma e quem ficou responsável pela interpretação do Nerso da Capitinga foi o também humorista, Gui Santana. Para ambos, foi se utilizado os recursos de enchimento para acentuar o volume da barriga, já que ambos os atores não têm corpos que se assemelham suficientemente da

silhueta requerida pelo personagem e, cabe ao figurinista fornecer os meios para tal similitude.

Figura 20: Personagem Seu Nerso da Capitinga na terceira temporada (2017) da nova escolinha



Figura 21: Personagem Seu Nerso da Capitinga na quarta temporada (2018) da nova escolinha



Dona Bela: personagem que leva tudo o que o professor Raimundo pergunta para o duplo sentido. Se faz passar por pudica, toda vez que fica revoltada com algum termo utilizado por ele e desconhecido por ela, mas que ao seu entendimento parece ser de cunho sexual.

Se joga no chão, esperneia e chama o professor de tarado, pedindo ajuda aos colegas para a protegerem dele. Complementa a sua performance, dizendo: “Só pensa...naquilo!” em que faz caras e bocas que insinuam que sente profundo desejo pelo assunto pornográfico. Em defesa do “amado mestre”, como assim Seu Ptolomeu se refere ao professor, explica qual é o real significado da palavra e assim acalma a colega após o seu ataque de histeria.

Essa reação exagerada da personagem parece ter fim de comprovar o que a sua aparência de menina moça quer retratar; que é comportada, recatada e decente. Para tanto, o seu estilo é um tanto pueril, e detalhes como a saia rodada e o laçarote na cabeça contribuem para deixá-la com um quê de bibelô.

Na primeira versão, foi a atriz Zezé Macedo (*in memoriam*) que deu vida a Dona Bela, e na versão atual esta responsabilidade ficou a cargo da atriz Betty Gofman. Ambas são de tipo físico “*mignon*”, ou seja, são bem magrinhas e de pouca estatura, o que contribui para o aspecto de fragilidade e delicadeza descrito na percepção acima.

Figura 22: Personagem Dona Bela no episódio 886 de 1991



Figura 23: Personagem Dona Bela em episódio da escolinha do ano de 1992



Figura 24: Personagem Dona Bela na antiga versão da escolinha em época não identificada



Se percebe que em comparação com a maioria dos outros personagens a Dona Bela não possui, em ambas as versões, uma palheta de cores muito extensa para os seus figurinos. Ela é concentrada em apenas algumas cores para as roupas e acessórios, porém o calçado é o único que apresentam a cor branca em todos os *looks* observados, independentemente da versão. Na terceira e na quarta temporada da nova geração, o tecido dos vestidos possui graciosas estampas de *cupcakes*⁶ e pirulitos, aspecto esse que reforça o ar infantil da personagem.

⁶ Pequenos bolos, qualificados para servir uma pessoa, que geralmente possuem decoração comestível em cima.

Figura 25: Personagem Dona Bela na primeira temporada (2015) da nova escolinha



Figura 26: Personagem Dona Bela na segunda temporada (2016) da nova escolinha



Figura 27: Personagem Dona Bela na terceira temporada (2017) da nova escolinha



Figura 28: Postagem feita pela figurinista Sônia Soares em seu perfil na rede Instagram mostrando o figurino da personagem Dona Bela na quarta temporada (2018) da nova escolinha



Considerações Finais

As reflexões que nortearam este trabalho começaram a serem delineadas após as leituras feitas em minha pesquisa, e também após assistir diversos episódios da nova versão do humorístico. A cada vez que observava aos personagens sendo representados na tela por famosos atores e atrizes, transformando o que já era bom em algo ainda melhor, tinha certeza eu o papel da caracterização havia sido muito bem feito, pois já sendo profissional da área, sei da importância que a linguagem não verbal das roupas tem no bom resultado do trabalho da atuação. Da mesma forma, me interessei em aprofundar as minhas ponderações de como que essa ressignificação da estética havia sido feita, e me auto questionava se eu teria conseguido como figurinista realizar essa transição de maneira tão adequada, como eu achava que a Sônia Soares havia feito neste projeto. A resposta para isso, eu ainda não tenho, pois, só tendo esse desafio em mãos e o executando que conseguiria descobrir. Acho normal essa minha cogitação, pois contempla uma admiração pelo feito da equipe de figurino e caracterização responsável pela recriação que é saudável de se ter.

A participação da figurinista Sônia Soares e seus apontamentos complementaram as percepções que já tinha sobre o projeto, e os teóricos citados ao longo do texto dão embasamento teórico do que foi desenvolvido na prática pelos profissionais da recriação.

Bem próximo da finalização desta monografia, e já sem tempo para executá-la, veio a ideia de que teria sido interessante tentar contato com o figurinista Chico Spinoza, para tentar descobrir quais de fato foram os cuidados e responsabilidades que ele teve na criação do figurino da versão original do programa e assim comparar com o posicionamento da Sônia Soares.

Assim como exponho ao longo deste trabalho, a complexidade do desenvolvimento de um projeto de figurino, com enfoque na adaptação de um novo espírito do tempo da sociedade da época vivida, mantendo-se a mesma linguagem televisiva, que agora conta com tecnologias mais avançadas, fica registrado o quão importante é o trabalho que o profissional de figurino encontra em seu campo de atuação. Apesar de já ter tido experiências na área que antecedem a esta pesquisa, com ela pude aprimorar ainda mais o meu conhecimento, agora de uma maneira mais madura, do que esta carreira tem a oferecer.

Referências Bibliográficas

Artigos:

GARCIA, Kárita; ANDRADE, Rita. **A cultura visual e as imagens:** contribuições a uma pesquisa. Goiânia: Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2V2wDhn>>. Acesso em 12 dez. 2018.

Dissertações e Teses:

CORTINHAS, Rosângela. **Figurino:** um objeto sensível na produção do personagem. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Artes, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2SGs0gv>>. Acesso em 2 jan. 2019.

Livros:

ARRUDA, Lilian; BALTAR, Mariana. **Entre tramas, rendas e fuxicos** / Memória Globo. São Paulo: Globo, 2007.

DIAS, Mauro Mendes. **Moda divina decadência: ensaio psicanalítico.** São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1997.

LEITE, Adriana; GUERRA, Lisette. **Figurino: uma experiência na televisão.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas.** Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAIOR, Marcel Souto. **Almanaque TV Globo;** pesquisa Memória Globo. – São Paulo: Globo, 2006.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus.** Rio de Janeiro: Ed. SENAC Rio, 2004.

PEZOLLO, Dinah Bueno. **Tecidos: tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

Mídias em disco:

DVD - A Escolinha do Professor Raimundo – Turma de 1991. Rio de Janeiro: **Som Livre DVD**, 1991. Mídia em disco.

Programas de televisão:

A Escolinha do Professor Raimundo - Nova geração. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 9 de dezembro de 2018. Programa de televisão.

A Escolinha do Professor Raimundo - Nova geração. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 16 de dezembro de 2018. Programa de televisão.

A Escolinha do Professor Raimundo - Nova geração. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 13 de janeiro de 2019. Programa de televisão.

A Escolinha do Professor Raimundo - Nova geração. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 20 de janeiro de 2019. Programa de televisão.

A Escolinha do Professor Raimundo - Nova geração. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 27 de janeiro de 2019. Programa de televisão.

Sites:

CHICO Spinoza. **Memória Globo**. Disponível em: <<https://glo.bo/2V94vcF>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

Apêndice

Entrevista com Sônia Soares realizada em 12/02/2019:

Camila: Quem foi o profissional responsável pelo figurino da antiga versão? E qual o contato que você teve com ele?

Sônia: Quem fazia o figurino era Chico Spinoza. Não conheci o profissional que fez o figurino da Escolinha.

Camila: Quais são os pontos positivos e negativos de se ter uma versão anterior que facilitaram e/ou atrapalharam o seu trabalho de recriação, uma vez que se trata de uma linguagem estética tão icônica da televisão brasileira?

Sônia: Não me atrapalhou em nada. Ao contrário, o diretor geral do programa me disse: “você pode modernizar os figurinos, mas não pode mudar as características dos personagens”.

Camila: Ainda sobre esses pontos, de que maneira eles foram trabalhados para os personagens de Dona Catifunda, Dona Bela, Seu Peru, Seu Nelson da Capitinga e Seu Zé Bonitinho?

Sônia: fiz uma pesquisa longa sobre cada personagem e mantive as características mais marcantes de todos.

Camila: Poderia escolher um item do figurino de cada um desses cinco personagens citados acima que considere mais significativo para compor o visual de seu figurino?

Sônia: Seu Peru, por exemplo: echarpe e lenço amarrado na cabeça. Nerso: calça alta e suspensório, cores fortes. Zé Bonitinho: gravatas grandes, acessórios como óculos enormes, ternos chamativos. Catifunda: chapéu, colete, saia abaixo do joelho, cores discretas. D. Bela: bota branca, vestido rodado, anágua com renda, laço na cabeça, estampa meio infantil.

Camila: Partindo da premissa que essa proposta de linguagem mais atual da versão do programa deveria se complementar a versão mais antiga sem causar estranhamento ao público, quais foram os cuidados necessários para que todo o conjunto ficasse em harmonia e o quanto a definição dos novos atores influenciou na proposta do seu projeto?

Sônia: Como disse tive e tenho que seguir as características dos personagens independente do ator ou atriz.

Camila: Se você estivesse criando os personagens pela primeira vez, o faria de diferente?

Sônia: Não sei o que faria de diferente, pois como não posso criar um figurino novo nunca pensei nisto. Gosto muito do figurino de cada um, acho muito bem feito todos tem uma característica que o público identifica.

Camila: O que você considera ser a principal diferença do figurino da primeira versão para a versão atual?

Sônia: O que fiz foi modernizar o figurino com cores, modelagem, acessórios diferentes, padronagens atuais.

Camila: O quanto você acha que o figurino e a caracterização deram força para a expressividade do personagem em cena?

Sônia: A caracterização é importantíssima para compor os personagens. Trabalhamos juntos para criar os personagens.